

## **Identities in dispute: reflections on magical thinking and the contribution of postcolonialism and critical theory in understanding power struggles by collective struggles**

*Identities in dispute: Reflections on magical thinking and the contribution of postcolonialism and critical theory in understanding power struggles by collective struggles.*

Thiago Pacheco Gebara<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo busca tecer reflexões sobre o pensamento mágico e suas manifestações na sociedade contemporânea, relacionando-o com as questões sociológicas e filosóficas que foram evidenciadas no final do século XX e início do século XXI através da crítica pós-colonial e da teoria crítica. Buscando levar em consideração as diferenças teórico-metodológicas entre as correntes de pensamento, o trabalho tem seu foco na análise das disputas pela hegemonia do poder através da subjetivação dos sujeitos e da formação de identidades, com o intuito de compreender quais são e como se formam as novas configurações de grupos de identidades na globalização neoliberal e como a ascensão da extrema-direita em diversos países do mundo necessita de uma análise dentro do processo de concepção de si e do "outro".

**Palavras-chave:** Pensamento mágico. Pós-colonialismo. Teoria crítica. Identidades. Disputas de poder.

**Abstract:** This article seeks to weave reflections on magical thinking and its manifestations in contemporary society, relating it to the sociological and philosophical issues that were evidenced in the late twentieth and early twenty-first centuries through postcolonial criticism and critical theory. Seeking to take into account the theoretical-methodological differences between the currents of thought, the work focuses on the analysis of disputes for the hegemony of power through the subjectivation of subjects and the formation of identities, in order to understand what are and how the new configurations of identity groups are formed in neoliberal globalization and how the rise of the extreme right in several countries of the world has to be analyzed within this process of conception of self and of the "other".

**Keywords:** Magical thinking. Postcolonialism. Critical theory. Identities. Power struggles.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Campus Araraquara. ORCID: [0000-0003-2864-7183](https://orcid.org/0000-0003-2864-7183). E-mail: [thiagogebara@hotmail.com](mailto:thiagogebara@hotmail.com).



## **Identities in dispute: Reflections on magical thought and the contribution of post-colonialism and critical theory in the understanding of power disputes by collective struggles**

*Thiago Gebara*

### **Introdução**

O presente artigo é uma proposta de reflexão sobre alguns temas que ainda estão no centro do debate das Ciências Sociais, realizando o exercício de analisar o pensamento mágico e suas manifestações na sociedade contemporânea a partir da crítica pós-colonial e da teoria crítica que, apesar das diferenças teórico-metodológicas, evidenciaram questões urgentes para a compreensão das disputas de poder no final do século XX e início do século XXI.

Na primeira parte, será pensada a contribuição da crítica pós-colonial a partir da teoria de Homi Bhabha (1998) e a necessidade da compreensão do “presente” como conceito intrinsecamente ligado ao passado e ao futuro, sendo errônea uma dissociação desses diferentes momentos na interpretação daquilo que se era, é ou se busca ser enquanto sujeito e/ou coletivo.

Na segunda parte, o artigo irá articular a noção de compreensão do “presente” e a dificuldade em determinar concretamente o momento da sociedade contemporânea com as novas formas de identidade que vêm surgindo e que podem ser caracterizadas enquanto identidades que se relacionam com as manifestações do pensamento mágico: conspiracionismo, obscurantismo, lógicas dualistas e maniqueístas. São identidades construídas a partir desse momento de desorientação e que reverberam uma construção do “outro” como inimigo, indesejável e naturalmente perverso.

Na terceira parte, será utilizada a contribuição da teoria crítica para pensar reconhecimento, redistribuição e participação em uma lógica que busca compreender como lutas coletivas estão sendo construídas enquanto lutas por reconhecimento de grupos dominantes. Tais grupos entendem que estão sendo desvalorizados e que vêm perdendo espaço para outros grupos minoritários que estão, supostamente, “furando a fila” (através de políticas de ações afirmativas, por exemplo) e querem destruir os “bons costumes”, a identidade do “verdadeiro povo”. A reflexão se baseará na ideia de que as lutas coletivas estão sendo deturpadas em prol de um reconhecimento unitário que não



## **Identities in dispute: Reflections on magical thought and the contribution of post-colonialism and critical theory in the understanding of power disputes by collective struggles**

*Thiago Gebara*

permite que o “outro” possa participar da sociedade, justamente por ser diferente, e por isso mesmo representar uma ameaça àquilo que sempre foi “estável” e “harmônico”.

Ao longo do trajeto entre as três partes, será central a reflexão histórica sobre o surgimento do neoliberalismo e o papel do Estado como promotor do mercado enquanto esfera máxima na vida dos indivíduos e de uma individualização que segue a lógica do sujeito-empresa. O intuito é focar em como esse processo se relaciona com o pensamento mágico e sua difusão na opinião pública, fortalecendo formas de discriminação e lutas coletivas que reivindicam para si visões de mundo que excluem minorias sociais e, ao mesmo tempo, apoiam a ascensão da nova direita no mundo contemporâneo.

### **A crítica pós-colonial e a necessidade da compreensão do “presente”**

Como dito por Homi Bhabha (1998), atualmente nossa existência é marcada por uma tenebrosa sensação de sobrevivência, de viver nas fronteiras do “presente”, onde parece não haver nome próprio além do atual e controvertido deslizamento do próximo “pós”: o pós-modernismo, o pós-colonialismo, o pós-feminismo etc. A preocupação do autor, no final do século XX, se mantém atual pela necessidade das Ciências Sociais em conseguir apreender categorias e conceitos que possam explicar essa nova dinâmica de mundo que, para além de sua esfera macro (dos Estado-nações, da sociedade civil, dos movimentos sociais, dentre outros), afeta a própria construção da ideia de sujeito (quem eu sou e quem é o outro) e de identidade.

Essas diferentes correntes do pensamento citadas por Bhabha e que têm em comum o prefixo “pós” demonstram a sensação do presentismo vivenciado pelas pessoas na modernidade tardia (Rosa, 2019). A palavra de ordem é desorientação: dos valores, das organizações, das instituições e, sobretudo, das certezas. O movimento histórico que sempre esteve no horizonte e a fixação de normas que davam sentido para os sujeitos deixa de existir, o que implica na imaginação de algo posterior àquilo em que tudo se traduz em “pós”.



## **Identities in dispute: Reflections on magical thinking and the contribution of post-colonialism and critical theory in the understanding of power disputes by collective struggles**

Thiago Gebara

Isso é fruto de uma transição do *fin de siècle* (final do século) em que espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão. Justamente por existir a sensação de desorientação, de um distúrbio de direção, devido ao afastamento das singularidades de “classe” ou “gênero” como categorias conceituais e organizacionais básicas, é que a consciência das posições do sujeito - que Bhabha estabelece enquanto raça, gênero, geração, local institucional, localidade, geopolítica, orientação sexual - passa a habitar qualquer pretensão à identidade no mundo moderno (Bhabha, 1998).

Dito de outro modo, qualquer um que pretenda se entender enquanto sujeito que possui uma identidade e compartilha uma visão de mundo com outros sujeitos precisa encarar um determinado número de categorias que antes não estavam em pauta, que não eram necessárias para orientar e definir “quem eu sou”, mas que agora são essenciais e não podem ser evitadas por ninguém<sup>2</sup>. Além disso, como diz Bhabha:

Esses ‘entre-lugares’ fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação - singular ou coletiva - que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade (Bhabha, 1998, p. 20).

É através desse processo de subjetivação “entre-lugares” que podemos buscar respostas para novos questionamentos que fazem parte do debate público no século XXI e que moldam a concepção de sociedade (não somente do que ela é, mas do que ela deveria ser) e servem de base para os discursos ideológicos das correntes políticas que almejam o poder. Ou seja, a crítica pós-colonial interessa aqui pois se preocupa com os novos processos de subjetivação determinantes nas mudanças que ocorrem na sociedade dentro do capitalismo globalizado. Bhabha diz ainda que:

Os termos do embate cultural, seja através de antagonismo ou afiliação, são produzidos performativamente. A representação da diferença não deve ser lida apressadamente como o reflexo de traços culturais ou étnicos preestabelecidos inscritos na lápide fixa da tradição (Bhabha, 1998, p. 20).

---

<sup>2</sup> Como diz Ulrich Beck (2005): “A pergunta “quem você é?” ou “de onde você é?” não tem mais uma resposta única e imperdoável, mas pode ser respondida de diversas perspectivas devido à intersecção entre ecologia, economia e território que configuram os problemas da nova ordem mundial”.



## **Identities in dispute: Reflections on magical thinking and the contribution of post-colonialism and critical theory in the understanding of power disputes by collective struggles**

*Thiago Gebara*

Não é possível pensar uma sociedade plural como a somatória de várias identidades cristalizadas em um suposto passado originário. Deve-se, portanto, entender o embate cultural através de uma mudança contínua que traduz a multiplicidade como uma constelação de constante influência das diversas categorias entre si e de forma mútua. Como dito por Bhabha (1998), ir “além” significa distância espacial, marca um progresso e promete o futuro, mas para ultrapassar a barreira ou o limite (que seria o próprio ato de ir além) é impossível pensar em uma sugestão sem um retorno ao “presente” que, no processo de repetição, torna-se desconexo e descolado. Dessa forma, ir “além” significa nunca mais voltar para o “agora” como ele é, mas pensar nele diante das novas percepções adquiridas nesse processo de distanciamento e aproximação.

O presente não pode mais ser encarado simplesmente como uma ruptura ou um vínculo com o passado e o futuro, não mais uma presença sincrônica: nossa autopresença mais imediata, nossa imagem pública, vem a ser revelada por suas descontinuidades, suas desigualdades, suas minorias (Bhabha, 1998, p. 23).

Há uma falsa percepção, em algumas correntes de pensamento, de que o presente ou é uma ruptura completa com aquilo que o passado significou, nesse caso uma espécie de libertação dos indivíduos das garras de um Estado forte, centralizador e assistencialista (tudo aquilo que o *Welfare-State*<sup>3</sup> significou na visão do neoliberalismo); ou uma continuidade que, no fundo, carrega consigo algo de evolucionista, nesse caso a percepção de que a sociedade global e ultramoderna é o destino inevitável do mercado que se expande e adentra o imaginário dos sujeitos. Na realidade, o que ocorre é que o presente deve ser percebido pelas suas próprias problemáticas, que envolvem tanto o vínculo quanto a ruptura, que envolvem, em suma, a mudança através do contato.

Bhabha finaliza seu raciocínio dizendo que o jargão de nossos tempos - pós-modernidade, pós-colonialidade, pós-feminismo - tem algum significado, mas que este não está no uso popular do “pós” para indicar sequencialidade (feminismo posterior) ou polaridade (antimodernismo). Esses termos que apontam insistentemente

---

<sup>3</sup> *Welfare-state*, ou Estado de bem-estar social, é um modelo de Estado fundado nos direitos sociais universais dos cidadãos em que o governo é responsável por implantar políticas e oferecer serviços voltados à garantia do bem-estar social, à qualidade de vida e à igualdade social.



## **Identities in dispute: Reflections on magical thought and the contribution of post-colonialism and critical theory in the understanding of power disputes by collective struggles**

*Thiago Gebara*

para o além só poderão incorporar a energia inquieta e revisionária deste se transformarem o presente em um lugar expandido e excêntrico de experiência e aquisição de poder (Bhabha, 1998).

### **O outro lado da moeda: o pensamento mágico e a compreensão do “presente”**

Se analisarmos a contribuição pós-colonial na chave dos problemas do século XXI, é possível entender como a compreensão do “presente” e a simplificação da ideia de identidade em detrimento das novas formas de subjetivação e de concepção do “outro” fazem parte da estratégia utilizada pela extrema-direita nas disputas pelo poder e pela hegemonia e, para além disso, na maneira como o imaginário do sujeito é afetado por essas novas formas de resolução dos impasses que se apresentam no mundo contemporâneo, que será tratado aqui através do conceito de pensamento mágico.

A importância do entendimento do que é o “presente” e de como as formas de subjetivação trabalham de maneira performática nos chamados “entre-lugares” parece fazer parte do contexto de ação das manifestações político-ideológicas que tendem a simplificar a realidade. Ao invés de problematizar passado, presente e futuro pelo seu sentido comumente enviesado e excludente, o pensamento mágico parece reforçar essa atitude.

Mesmo que existam impossibilidades teóricas no pós-colonialismo enquanto promotor do hibridismo como categoria de análise, como demonstra Sérgio Costa (2006), a crítica ao suposto caráter universalista do modernismo ainda é válida para entender como o projeto iluminista do século XVIII carrega em si uma noção de humanidade eurocêntrica. O que importa aqui é a apreensão de uma urgência que parece ter sido capturada pela crítica pós-colonial e que, empiricamente, vem sendo resolvida de forma contrária pela extrema-direita, propondo soluções simplistas a boa parte da população em diversos países, como Brasil, Itália, França, Estados Unidos, Hungria, Espanha, Alemanha, dentre tantos outros.



## **Identities in dispute: Reflections on magical thought and the contribution of post-colonialism and critical theory in the understanding of power disputes by collective struggles**

*Thiago Gebara*

O pensamento mágico é, por definição, a negação do pensamento crítico, segundo o filósofo Pier Aldo Rovatti (apud Azzarà, 2021) e, para Azzarà (2021), ele é essencialmente “antimoderno e exotérico”, sempre buscando decifrar o significado oculto da realidade e cada vez mais sendo difundido no discurso público. Ainda, segundo Paolo Ercolani (2021), as características desse pensamento podem ser vistas como comportamento de estádio de futebol ou rede social, onde deve-se escolher um lado para se apoiar e um outro para se atacar; se resume a uma posição dualista ou maniqueísta e agressiva com o diverso.<sup>4</sup>

Nesse sentido, o pensamento mágico parece ser, de alguma forma, uma reação ao momento presente do capitalismo globalizado, demonstrando como a crítica pós-colonial de fato tem um importante fundamento, que é a urgência da compreensão do “presente”. Essa compreensão não é baseada em um eterno devir deslocado dos outros acontecimentos históricos do passado ou daquilo que viria a ser o presente, nem na possibilidade dos processos de subjetivação serem utilizados para a exclusão do “outro”, visto como problema e, conseqüentemente, sendo necessário o distanciamento ao invés da incorporação, mas da possibilidade (através do hibridismo) de repensar a construção do mundo moderno e as categorias que servem de base para se pensar identidade, território e, em última instância, cultura.

---

<sup>4</sup> No sentido aqui empregado, pensamento mágico difere de outras concepções como o “desencantamento do mundo” de Max Weber ou ainda de interpretações que dialogam com vertentes da antropologia que remontam ao pensamento mágico como uma “etapa” ou uma manifestação da consciência humana em determinadas sociedades. Pensamento mágico é fundamentalmente uma visão de mundo descolada da realidade não por seus elementos meramente religiosos, mas pela incapacidade da cognição dos indivíduos, situados na modernidade, em interpretar os diversos e contínuos acontecimentos de suas vidas cotidianas de maneira racional e coerente. Poderia, em tentativa de síntese, basear essa noção através de escritos de Walter Benjamin em “Experiência e Pobreza” (1987): é a desilusão radical, a tristeza, originária não somente do desaparecimento de tradições que antes eram centrais nas subjetividades, mas principalmente das novas experiências que não mais são significativas para as pessoas que as vivenciam, estão vinculadas à uma dinâmica veloz e que está em constante mudança, não permitindo a interpretação e o entendimento de seus valores culturais, desorientando ao invés de dar segurança. Pensamento mágico, assim, é tratado aqui como um fenômeno fundamentalmente ligado à modernidade em suas dinâmicas políticas, econômicas e culturais, às novas demandas impostas pelo capital global, sobretudo focando no caráter reativo de suas manifestações, com a construção de inimigos, com a violência contra novas normas, com uma legitimação da agressividade com o diverso por ele significar a adaptação dos costumes e o diálogo constante.



## Identities in dispute: Reflections on magical thinking and the contribution of post-colonialism and critical theory in the understanding of power disputes by collective struggles

Thiago Gebara

Um bom exemplo é a tese defendida por Arlie Hochschild (2016) em *Strangers in Their Own Land* que, ao realizar entrevistas com diversas pessoas que participam do *Tea Party* (movimento mais radical da ala republicana) no Estado de Louisiana nos EUA, buscou entender como se forma uma noção de identidade que carrega em si não somente a definição de quem se é e de quem é o “outro”, mas uma visão de mundo que estabelece relações do sujeito com o mercado, o Estado, a família, o trabalho, o gênero, as classes sociais, a política, etc. A autora irá chamar esse processo de *Deep Story*, que basicamente seriam as temáticas que, de forma tradicional, fundamentam a noção de ser daqueles indivíduos. Dito de outra forma, os homens e mulheres brancas, de meia idade, trabalhadores assalariados, cristãos e moradores do Estado de Louisiana não somente se entendem como uma identidade que os une, mas esperam do mundo acontecimentos que priorizem tais desfechos específicos e também realizam suas ações baseados nessa percepção.

Para dar um exemplo, a autora traça uma história genérica, a qual os entrevistados identificaram como representativa para a sua própria história:

Você tem recebido as más notícias com calma porque você é uma boa pessoa. Você não é um reclamão. Você conta com suas bênçãos. Você deseja poder ajudar mais sua família e sua igreja porque é lá onde seu coração está. Você queria que eles se sentissem gratos a você por ser tão caridoso com eles. Mas isso não está acontecendo. E depois do seu esforço intenso, seu sacrifício, você está começando a se sentir preso.

Você pensa em coisas para se sentir orgulhoso - sua moral cristã, por exemplo. Você sempre defendeu uma vida limpa, monogâmica, de casamento heterossexual. Isso não vem sendo fácil. Você mesmo passou por uma separação, um quase - ou atual - divórcio. Liberais estão falando que suas ideias são ultrapassadas, sexistas, homofóbicas, mas não está claro quais são os valores *deles*. E dando um clima de tolerância secular, você se lembra de tempos melhores, quando era criança você diz, de rezas pela manhã e saudação à bandeira - antes de “sob Deus” precisar sair - na escola pública. (Hochschild, 2016, p. 136, grifo nosso).<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Tradução livre: You’ve taken the bad news in stride because you’re a positive person. You’re not a complainer. You count your blessings. You wish you could help your family and church more, because that’s where your heart is. You’d like them to feel grateful to you for being so giving to them. But this line isn’t to feel stuck.

You think of things to feel proud of - your Christian morality, for one. You’ve always stood up for clean-living, monogamous, heterosexual marriage. That hasn’t been easy. You’ve been through a separation yourself. a near - or actual - divorce. Liberals are saying your ideas are outmoded, sexist, homophobic, but





## **Identities in dispute: Reflections on magical thinking and the contribution of post-colonialism and critical theory in the understanding of power disputes by collective struggles**

*Thiago Gebara*

Através desse trecho, alguns pontos são interessantes para entender como a identidade em si parece estar em uma disputa política na atualidade e como isso implica em entender a construção não somente de sujeito, mas o que isso impacta em visões de posicionamento ideológico e relação pessoa-mundo.

Em primeiro lugar, categorias definidoras da identidade como etnia, religião, gênero, orientação sexual, regionalidade e faixa etária parecem estar em disputa na esfera política, na disputa pela hegemonia do poder, e isso porque a caracterização de quem sou eu (e meu grupo) também leva em consideração quem é o “outro” (e os outros grupos) e quem deveria ocupar os diferentes espaços da sociedade.

Em segundo lugar, a definição de quem sou eu e o “outro” tem consequência não só na esfera da subjetivação da identidade em si, mas também no modo como cada um dos indivíduos irá se identificar e se opor às diferentes identidades que estão presentes na sociedade e como esse processo irá impor um posicionamento do sujeito sobre temas que debatem, majoritariamente, igualdade e liberdade.

Em terceiro e último lugar, os desdobramentos desse processo já podem indicar, em menor ou maior grau, como o impacto do não reconhecimento do “outro”, ou da volta de percepções e manifestações que flertam com o neofascismo, com o darwinismo social e que são discriminatórias e segregacionistas, podem resultar em políticas que institucionalizam<sup>6</sup> esse tipo de agir, e moldam a sociedade a partir de valores que vão na

---

it's not clear what *their* values are. And given a climate of secular tolerance, you remember better times, when as a child you said morning prayer and the flag salute - before “under God” had to come out - in public school

<sup>6</sup> Para citar um caso recente: nos EUA as decisões ocorridas na Suprema Corte em 2023 vêm gerando um debate cívico, jurídico e político sobre os caminhos que a nação vem tomando em termos do reconhecimento ou não da reivindicação dos diferentes movimentos sociais. Um exemplo é a decisão de que pessoas evangélicas podem recusar prestar serviço a pessoas que são da comunidade LGBTQI+, pelo entendimento de que a liberdade religiosa é superior ao reconhecimento e, portanto, obrigatoriedade do respeito à identidade diversa (AMÂNCIO, 2023a).



## **Identities in dispute: Reflections on magical thinking and the contribution of post-colonialism and critical theory in the understanding of power disputes by collective struggles**

*Thiago Gebara*

contramão do hibridismo<sup>7</sup>, ou pelo menos de uma proposta de uma globalização diferente.

### *Redistribuição, reconhecimento e participação: a contribuição da teoria crítica*

Se torna quase inevitável a reflexão sobre o debate entre reconhecimento e redistribuição ao lidar com as lutas sociais. Segundo Honneth:

[...] uma luta só pode ser caracterizada de “social” na medida em que seus objetivos se deixam generalizar para além do horizonte das intenções individuais, chegando a um ponto em que eles podem se tornar a base de um movimento coletivo (Honneth, 2003, p. 256).

Daí que, muitas vezes, o que é comumente tratado apenas como uma declaração reacionária, preconceituosa, que fere os direitos humanos, carrega em si também um tipo de luta social, uma luta coletiva, que assim o é porque generaliza os seus objetivos além das intenções individuais, mas que prevê a conquista não de forma universal e sim para uma minoria que é identificada enquanto o grupo do “nós”. Em outras palavras, entender como se consolidam as lutas sociais através do parâmetro da coletividade nos permite entender como a identidade está em disputa hoje no campo político e como dia após dia as relações entre grupos, seja de reciprocidade seja de inimizade, pertencem ao mesmo tipo de fenômeno, embora opostos. Axel Honneth dirá ainda que a luta social é o:

[...] processo prático no qual experiências individuais de desrespeito são interpretadas como experiências cruciais típicas de um grupo inteiro, de forma que elas podem influir, como motivos diretores da ação, na exigência coletiva por relações ampliadas de reconhecimento (Honneth, 2003, p. 257).

---

<sup>7</sup> O hibridismo, como tratado anteriormente, é uma categoria central para Homi Bhabha (1998). Ela preconiza a noção de que não é possível se pensar a identidade do sujeito sem levar em consideração o passado, o presente e o futuro como essencialmente ligados, já que conceitos como local geográfico, cultura, política, economia, meio ambiente, gênero, etnia, sexo, idade, e muitos outros, são parte operante de quem nós somos, e tudo isso se transforma conforme o sujeito pensa e reflete sobre si nesses diferentes cenários interconectados. O pensamento mágico, ao ser uma mola propulsora do negacionismo, principalmente aqui focando em temas que dialogam com a diversidade humana, e também ao fortalecer a criação de bodes expiatórios e teorias conspiracionistas, que são rígidas e remontam à uma “identidade natural” ou “original”, vai na contramão do hibridismo por não aceitar que mudanças constantes e, sobretudo, a reflexão sobre essas mudanças, façam parte de quem somos enquanto sujeitos.



## **Identities in dispute: Reflections on magical thinking and the contribution of post-colonialism and critical theory in the understanding of power disputes by collective struggles**

*Thiago Gebara*

A relação entre governos de extrema-direita que vêm ascendendo ao redor do mundo e o “verdadeiro povo” (cidadãos de bem, trabalhadores da classe média, brancos, famílias tradicionais, pessoas religiosas etc.) se consolida justamente pela interpretação de experiências cruciais típicas de um grupo inteiro (o desemprego, o endividamento, a falta de segurança, novas formas de família, o declínio das autoridades e das hierarquias tradicionais) em uma interpretação na qual eles são as vítimas dessa nova sociedade neoliberal e global, que dá espaço para outros grupos (as mulheres, os negros, os imigrantes) e para novas formas de vida (o casamento não monogâmico, novas configurações de gênero, outras relações com a religião, com a pátria etc.) e em que tudo aquilo que era tradicional parece ser ultrapassado, discriminatório e preconceituoso.

É justamente a formação de um grupo em comum (aqueles que fizeram a nação crescer e agora perdem espaço, pelo menos na retórica do populismo contemporâneo<sup>8</sup>) que de fato consolida esse movimento enquanto uma luta social, que vem sendo impulsionada pela extrema-direita e que busca uma redução da realidade em termos simplistas, tratando as lutas sociais de todos os outros grupos como ilegítimas e usurpadoras do poder, como uma espécie de prelúdio do fim da nação, que trouxeram consigo desigualdades, falta de normas, conflitos políticos e por isso mesmo devem deixar de existir.

De forma sintética, Honneth diz que:

Sentimentos de lesão dessa espécie só podem tornar-se a base motivacional de resistência coletiva quando o sujeito é capaz de articulá-los num quadro de interpretação *intersubjetivo* que os comprova como típicos de um grupo inteiro; nesse sentido, o surgimento de movimentos sociais depende da existência de uma semântica coletiva que permite interpretar as experiências de desapontamento pessoal como algo que afeta não só o eu individual, mas também um círculo de muitos outros sujeitos (Honneth, 2003, p. 260, grifo meu).

No Brasil, o lema do governo de Jair Messias Bolsonaro (2018-2022) - “Deus, pátria, família e liberdade” - é um bom exemplo da utilização de uma semântica coletiva

---

<sup>8</sup> Para aprofundar a noção de populismo proposta nesse artigo veja Levitsky (2018).



## **Identities in dispute: Reflections on magical thinking and the contribution of post-colonialism and critical theory in the understanding of power disputes by collective struggles**

*Thiago Gebara*

que busca fornecer um quadro de interpretação subjetiva através de valores centrais para interpretar as experiências de desapontamento pessoal, que afetam muitos outros sujeitos. Mesmo Honneth tratando propriamente de movimentos de resistência coletiva, ligados a minorias sociais que historicamente sofreram prejuízos não só individualmente, mas enquanto grupo de diversas maneiras, é possível pensar a partir desse quadro como há uma construção estética e normativa de quais os problemas da sociedade e de quem são as verdadeiras “vítimas da globalização”, propondo um movimento de exclusão social ao invés de integração.

A constatação de que não se trata de uma histeria coletiva ou de seres humanos ruins por natureza, mas sim de uma estratégia que molda a noção de sujeito e é articulada com a noção de grupo e luta social, pressupõe que essa interpretação da realidade é possível; outras formas de entender o capitalismo contemporâneo, os grupos minoritários, a pátria, a família, e diversos outros conceitos-chave, são também possíveis de serem entendidos de forma diferente. Para isso, é necessário a adoção de outras estratégias e, principalmente, uma reflexão sobre reconhecimento, redistribuição e participação que seja capaz de afetar a subjetividade das pessoas que hoje se identificam como os “perdedores da globalização” e apoiam a ascensão do populismo contemporâneo.

Pensando em coletividades, Nancy Fraser (1996, p. 3) dirá que as lutas por justiça social devem ter redistribuição (de bens e recursos) e políticas de reconhecimento (diversidade e respeito) em conjunto e não somente uma ou outra. Para a autora, as políticas de redistribuição não abarcam somente noções orientadas pela classe, mas também lutas identitárias, assim também as políticas de reconhecimento não são relacionadas somente a lutas contra injustiças na valorização de identidades, mas se orientam através de conceitos que rejeitam o “essencialismo” de políticas identitárias tradicionais (Fraser, 1996). Sobre os objetivos de políticas de redistribuição e reconhecimento, Fraser dirá que:

O objetivo dessas políticas, portanto, é abolir, não reconhecer a diferença. As políticas de reconhecimento, em contraste, tratam a diferença de duas formas.



## Identities in dispute: Reflections on magical thinking and the contribution of post-colonialism and critical theory in the understanding of power disputes by collective struggles

Thiago Gebara

Em uma versão, diferenças de grupos são preexistentes, uma variação cultural positiva, que um esquema interpretativo injusto maliciosamente transformou em uma hierarquia de valor. Em outra versão, diferenças de grupos não preexistem em relação à sua transvaloração hierárquica, mas são criadas contemporaneamente com ela através de uma estrutura discursiva de oposições binárias. Dependendo da versão em questão, as políticas de reconhecimento assumem dois objetivos: no primeiro caso, procura celebrar, não eliminar, diferenças de grupo; no segundo caso, almeja desconstruir os próprios termos em que tais diferenças são geralmente elaboradas<sup>9</sup> (Fraser, 1996, p. 9-10).

Dependendo do ponto de vista, reconhecimento pode ter como objetivo celebrar ou eliminar diferenças e, buscando uma aproximação com o momento atual nas disputas das lutas sociais dentro da nova configuração política que diversos países ao redor do mundo enfrentam, é possível que se entenda a luta social dos grupos tidos como não minoritários até então como uma deturpação desse processo, que na esteira da redistribuição e do reconhecimento, assumem para si o papel de vítimas e buscam eliminar diferenças que consideram injustas, que são uma forma de “furar a fila” (Hochschild, 2016) através das políticas afirmativas e de tentar destruir a família, a moral cristã, os valores capitalistas fundadores como o mérito e a liberdade<sup>10</sup>. Poderíamos aqui, para sair da abstração, citar o contramovimento em relação ao *Black Lives Matter* (“Vidas Negras Importam”), em que diversas pessoas através das redes sociais, mas também em passeatas, em manifestações políticas, em discursos em rádios e televisões, entoaram que *All Lives Matter* (“Todas as Vidas Importam”) e não somente as

<sup>9</sup> Tradução livre: The point of this politics, accordingly, is to abolish, not recognize difference. The politics of recognition, in contrast, treats differences in either of two ways. In one version, group differences are preexisting, benign cultural variations that an unjust interpretive schema has maliciously transformed into a value hierarchy. In another version, group differences do not preexist their hierarchical transvaluation but are created contemporaneously with it through a discursive framework of binary oppositions. Depending on the version in question, the politics of recognition assumes either of two aims: in the first case, it seeks to celebrate, not eliminate, group differences; in the second case, it aims to deconstruct the very terms in which such differences are currently elaborate.

<sup>10</sup> Ao anunciar a decisão da Suprema Corte dos EUA sobre a inconstitucionalidade de políticas afirmativas nas universidades o presidente da Suprema Corte, John Roberts, disse: "Muitas universidades concluíram erroneamente por muito tempo que o critério de avaliação da identidade de um indivíduo não são os desafios superados, as habilidades construídas ou as lições aprendidas, mas a cor de sua pele. A história constitucional desta nação não tolera essa escolha". Esse acontecimento recente, junto com outros na própria Suprema Corte dos EUA, demonstra de forma eficaz como a identidade está em disputa política e de como valores que são referentes ao mercado e sua capacidade de organizar a sociedade em detrimento de outras políticas públicas regulatórias vêm também sofrendo alterações conforme se desenrolam as lutas pela hegemonia (Amâncio, 2023b).



## **Identities in dispute: Reflections on magical thinking and the contribution of post-colonialism and critical theory in the understanding of power disputes by collective struggles**

*Thiago Gebara*

*black lives* (“vidas negras”). Isso se encaixa perfeitamente na análise de uma luta por reconhecimento - nesse caso é uma noção deturpada de um grupo que vem perdendo espaço na sociedade e culpa a diversidade por isso; e, ao invés de buscar o reconhecimento das diversidades, busca a supressão dessas por entender que as diferentes pessoas que entoam em suas falas que são minorias e assim o são por pertencerem a grupos diferentes daquele sempre retratado nas novelas, nos filmes, nas propagandas, nas instituições, no mercado de trabalho de maneira geral, fazem isso para ganhar coisas que não merecem, para tirar o espaço daqueles que ali estavam antes, para em suma usurpar o poder.

Nesses conflitos entre as relações de poder - porque no fundo é disso que se trata - a observação de Nancy Fraser sobre participação nas coletividades é fundamental como forma de combater a segregação que vem crescendo cada vez mais dentro das lutas sociais, visando suprimir a diversidade e manter privilégios de uma classe que historicamente se manteve estável em sua trajetória de vida.

Ninguém é membro de apenas uma coletividade. E as pessoas que são subordinadas ao longo de um eixo da divisão social talvez seja dominante ao longo de outro. Visto dessa forma, a necessidade de uma política de abordagem dupla de redistribuição e reconhecimento não surge apenas endogenamente, como era com uma única coletividade bivalente. Isso também surge exogenamente, para dizer, ao longo de coletividades<sup>11</sup> (Fraser, 1996, p. 23).

As políticas de redistribuição e reconhecimento não devem ser feitas só para coletividades bivalentes, mas interseccionais. O fato de que ninguém é membro de somente uma coletividade é de importância central no combate à percepção errônea de que a qualidade de vida está caindo em detrimento de um aumento da diversidade; de que se está sendo passado para trás devido à existência de políticas de ações afirmativas; de que, resumidamente, o reconhecimento do “outro” significa automaticamente a supressão da minha própria identidade. Justificar reconhecimento, para Fraser (1996),

---

<sup>11</sup> Tradução livre: No one is a member of only one such collectivity. And people who are subordinated along one axis of social division may well be dominant along another. Viewed in this light, the need for a two-pronged politics of redistribution and recognition does not only arise endogenously, as it were within a single bivalent collective. It also arises exogenously, so to speak, across intersecting collectivities.



## **Identities in dispute: Reflections on magical thinking and the contribution of post-colonialism and critical theory in the understanding of power disputes by collective struggles**

*Thiago Gebara*

requer identificar hierarquias de valores injustos e, por isso, não é possível um tipo de reconhecimento que se baseie apenas na validação de privilégios historicamente construídos e que, ao invés de identificar hierarquias de valores injustos, busca ocultá-los.

Esses acontecimentos estão intimamente relacionados com as mudanças ocorridas a partir do fim de 1980 no mundo, com a erosão do *Welfare State* enquanto regime político e econômico capaz de organizar a sociedade e com a promoção do neoliberalismo não somente enquanto regime, mas como racionalidade (Dordot & Laval, 2016; Brown, 2015; Streeck, 2011). Fraser dirá que:

O Estado Social é fundamental para institucionalizar as condições de paridade de participação [...]. Mas o Estado Social deveria também ser visto como tendo um papel principal na promoção de reconhecimento recíproco ao institucionalizar normas livres de viés, que expressam respeito igualitário por todos os cidadãos. De fato, o Estado Social é um nexo central entre a interpenetração da economia e da cultura [...]. Por isso, o Estado Social é o ponto chave da imbricação entre economia e cultura, redistribuição e reconhecimento<sup>12</sup> (Fraser, 1996, p. 55).

Por isso é que o pensamento mágico se manifesta com traços de complotismo (Illouz, 2020) e torna viável e aceitável socialmente o apoio à populistas que almejam o poder através de discursos e atitudes que muitas vezes são machistas, homofóbicas, xenofóbicas, excludentes num geral. É justamente através de uma sociedade organizada por normas neoliberais que impõe uma racionalidade de maximização do lucro e de sujeito-empresa em cada indivíduo, privatizando educação, saúde, segurança e colocando a responsabilidade de “vencer na vida” no esforço de cada um que essas manifestações podem florescer, uma vez que não há mais o Estado realizando seu papel central na interpenetração do nexo entre economia e cultura (entre redistribuição e reconhecimento). No lugar, são assumidos bodes expiatórios, grupos sociais inimigos da

---

<sup>12</sup> Tradução: The welfare state is fundamental for institutionalizing the conditions for participatory parity. [...] But the welfare state should also be understood as having a major role to play in promoting reciprocal recognition by institutionalizing bias-free norms that express equal respect for all citizens. In fact, the welfare state is a central nexus of interpenetration of economy and culture [...] Thus, the welfare state is a key point of imbrication of economy and culture, redistribution and recognition



## **Identities in dispute: Reflections on magical thinking and the contribution of post-colonialism and critical theory in the understanding of power disputes by collective struggles**

*Thiago Gebara*

pátria e diversas outras manifestações do pensamento mágico que assumem uma postura agressiva com o diverso (Ercolani, 2021) e se recusam a aceitar a complexidade no mundo, já que ela, por natureza, traria prejuízo para si e para seu grupo em questão.

No limite, o debate sobre lutas sociais implica no debate sobre o próprio neoliberalismo no século XXI e na capacidade de buscar redistribuição e reconhecimento sem a possibilidade de institucionalização dessas lutas. Através disso, é possível vislumbrar como o populismo contemporâneo vem ganhando espaço e como cada vez mais o pensamento mágico se manifesta enquanto visão de mundo de sujeitos que se recusam a aceitar consensos científicos ou mudanças sociais progressistas. Passam, ainda, a entoar em seus discursos formas de negacionismos que fortalecem noções de mundo discriminatórias, legitimando o revisionismo histórico de importantes momentos e debates da sociedade contemporânea como uma forma de justiça contra aqueles que nunca deveriam ser permitidos de existir, ocupar e disputar espaços na sociedade.

### **Considerações Finais**

Ao longo do texto foi proposta uma aproximação entre as questões sociológicas, antropológicas e filosóficas que faziam parte do debate desde os anos 1990 e que, no entendimento do proposto, ainda são centrais para as Ciências Sociais. Começando pela crítica pós-colonial, a noção explorada foi de que a denúncia realizada sobre as lacunas existentes no universalismo proposto pelo iluminismo culminou em problemas sociais que só poderiam ser resolvidos se elas fossem superadas.

É a partir dessa crítica e da compreensão dos motivos da sensação de desorientação nos sujeitos que buscou-se estender essa problemática para o campo semântico da nova direita do século XXI, suas propostas e, principalmente, os motivos pelos quais uma parte da população de diversos países vem declarando seu apoio aos projetos de governo discriminatórios contra minorias sociais.

A hipótese baseou-se na ideia de que a formulação da identidade passa por um processo de subjetivação realizado ao interpretar a realidade em que se encontra e, além





**Identities in dispute: Reflections on magical thinking and the contribution of post-colonialism and critical theory in the understanding of power disputes by collective struggles**

*Thiago Gebara*

de colocá-la em plano individual, estabelece vínculos coletivos, mantendo um grupo de interesses que se reconhece mutuamente por vivenciarem experiências semelhantes. E ainda, busca recolocar a questão não enquanto uma histeria coletiva de parte da população, uma maldade que aflorou na sociedade a partir “do nada”, mas como algo com um fundamento teórico e que só assim pode ser combatida. Bhabha (1998) diz que a produção de imagens alternativas ou antagônicas é sempre feita lado a lado e em competição umas com as outras, e que é essa natureza paralela, metonímia do antagonismo, e suas significações efetivas que dão sentido literal a uma política da luta como luta de identificações e à guerra de posições, sendo problemático pensar nela como tendo sido relegada a uma imagem da vontade coletiva.

Portanto, não é possível tratar as novas manifestações xenofóbicas, racistas, homofóbicas, que fazem parte da identidade de grupos nacionalistas e que são apoiadores dos governos da extrema-direita em ascensão como inteiramente intencionais, mas sim devem ser tratadas como relacionais com outras imagens que foram produzidas lado a lado em competição com as outras ou, dito de maneira mais objetiva, há uma disputa no campo ideológico sobre a construção das identidades e no modo como elas devem se relacionar umas com as outras e com a sociedade como um todo, seja de maneira mais ou menos harmônica, seja de maneira hostil.

Fora essa aproximação com a crítica pós-colonial, também tentou-se realizar uma aproximação com a contribuição da teoria crítica que, mesmo sendo uma outra corrente de pensamento e, obviamente, tendo muitas divergências teórico-metodológicas em relação ao pós-colonialismo, se preocupou com as questões de redistribuição e reconhecimento e a construção de identidade e do conceito de alteridade no final do século XX e início do século XXI.

O intuito do artigo não foi caracterizar as novas identidades que reivindicam para si a manutenção de privilégios históricos em relação a outros grupos sociais minoritários como lutas sociais legítimas, mas na verdade tentar realizar uma reflexão baseada na ideia de que lutas coletivas são construídas a partir de uma identificação mútua e de que



## **Identities in dispute: Reflections on magical thinking and the contribution of post-colonialism and critical theory in the understanding of power disputes by collective struggles**

*Thiago Gebara*

não necessariamente uma luta por reconhecimento ou por redistribuição será traduzida na realidade como uma melhoria ou um avanço naqueles objetivos iniciais dos grupos, podendo também se caracterizar como um prejuízo (Fraser, 1996).

De maneira simplificada, o intuito foi compreender, com o auxílio da teoria crítica, como se formam lutas coletivas e, mesmo que os autores na maior parte das vezes estivessem tratando de lutas positivas, como elas podem abarcar em si reivindicações que tratam o “outro” como essencialmente ruim, inimigo interno, como o atraso e o prejuízo e, por isso, deve ser afastado e não reconhecido como detentor de direitos plenos.

Entende-se aqui que é somente através da compreensão da sociedade neoliberal permissiva para com as novas identidades e configurações diversas da vida, ao mesmo tempo que legitimadora de desigualdades sociais e promotora de uma racionalidade que relega todos os problemas antes pertencentes ao Estado e aos grupos sociais primários e secundários aos indivíduos atomizados, que se faz possível a compreensão também de como o pensamento mágico vem sendo cada vez mais difundido na opinião pública e de como ele se relaciona com as novas construções de identidade e de lutas coletivas que legitimam e anseiam por governos de extrema-direita, que no final das contas traduz todas as problemáticas apresentadas aqui em uma redução drástica e hostil da realidade para com o diverso.

### **Referências**

Amâncio, Thiago. Evangélica pode se recusar a prestar serviço para casal gay, decide Suprema Corte dos EUA. [Folha de São Paulo](#), 30 de junho de 2023. Acesso em: 06 de julho de 2023.

Amâncio, Thiago. Suprema Corte dos EUA veta uso de raça como critério de admissão em universidades. [Folha de São Paulo](#), 29 de junho de 2023. Acesso em 06 de julho de 2023.



**Identities in dispute: Reflections on magic thought and the contribution of post-colonialism and critical theory in the understanding of power disputes by collective struggles**

*Thiago Gebara*

Azzarà, G. Stefano: **Il revival del pensiero magico nel dibattito pubblico. Tra neopositivismo scienista e irrazionalismo romântico**. Dialettica e filosofia, 2021.

Beck, Ulrich. Sentido del mundo y sentido de ausência de fronteras: para uma diferenciación entre cosmopolitismo filosófico y sociológico. *In: La mirada cosmopolita o la guerra es la paz*. Barcelona: Paidós, 2005.

Benjamin, Walter. **Obras escolhidas**. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 114-119.

Bhabha, Homi. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: EdUFMG, 1998, p. 19-70.

Brown, W. Undoing Democracy: Neoliberalism's Remaking of State and Subject. *In: Undoing the Demos*. Neoliberalism's Stealth Revolution. Zone Books, 2015.

Costa, Sérgio. Desprovincializando a Sociologia – A contribuição pós-colonial. **RBCS**, v. 21, n. 60, 2006, p. 117-183.

Dardot, Pierre & Laval, Christian. *A Nova Razão do Mundo: Ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Editora Boitempo, 2016 [2009].

Ercolani, Paolo. Il pensiero magico si è impossessato della nostra epoca: non si spiegano altrimenti i deliri no vax. *In [Il Fatto Quotidiano, Società](#)*, 19 nov. 2021.

Acesso em: 06 de julho de 2023.

Fraser, Nancy. **Social Justice in the Age of Identity Politics: Redistribution, Recognition and Participation**. 1996, p. 7-100.

Hochschild, Arlie. Russell. The Great Paradox, The Deep Story and the People in it. *In: Strangers in their Land: Anger and Mourning on the American Right*. New York: The New Press, 2016.

Honneth, Axel. **Luta por Reconhecimento – A gramática moral dos conflitos sociais**. São Paulo. Ed. 34. 2003, p. 7-26 e 253-268.

Illouz, Eva. Croire à la science ou pas est devenu une question éminemment politique, sans doute celle qui va décider de l'avenir du monde. [Le Monde](#), 10 dez 2020. Acesso em 06 de julho de 2023.

Levitsky, Steven & Ziblatt, Daniel. **Como as democracias morrem**. Rio de Janeiro, Zahar, 1ª edição, 2018.



**Identities in dispute: Reflections on magical thinking and the contribution of post-colonialism and critical theory in the understanding of power struggles by collective fights**

*Thiago Gebara*

Rosa, Hartmut. **Aceleração: A transformação das estruturas temporais na Modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

Streeck, Wolfgang. The Crisis in context democratic Capitalism and its contradictions. **Econstor: MPIfG**, n.11, 2011.